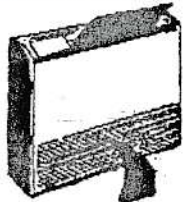


XERO SERVICOS
 Av. 24 de Julho, 293
 Tel/Fax 744199
XERO SERVICOS
 Venda de faxes, maquinas de fotocópias
 e de escrever e consumíveis
XERO XEROX
 Av. 25 de Setembro, 1078
 Tel. 421811/2 - Fax 421366

Carrier



ARCO Estrada Velha da Matola
 Tujhão n° 3 Parcela 728 Tel 4504 27/8 Maputo

mediaFAX

Maputo * segunda-feira 19.04.93 * N° 74/93



SIGGEST Lda

INFORMÁTICA

CONSULTORIA



ASSISTÊNCIA TÉCNICA

TELF. 430515/4245 FAX - 423013
 AV. EDUARDO MENDLAK 1878 - MAPUTO

De segunda a sexta, um diário no seu fax * Propriedade e edição: mediacoop - jornalistas associados, scri
 Editor: Carlos Cardoso * S/ds: Av. Mártires da Machava, n° 1002 - C.P. 73 * Maputo * Moçambique
 Tifs 4 90906, 743952 * Faxes 490063 / 490906 * Tlx 6-233 * Rep. Beira, Tlf 325175 * Fax 302200 * Rep. Lisboa, Tlf 8581288 * Fax 8586773

Assinaturas mensais - ordinária: 75.000,00 MT * institucional: 150.000,00 MT ou 50 USD * de apoio: 300.000,00 MT ou 100 USD

A.1.4 encontro com dhlakama CHISSANO DISPONÍVEL ATÉ AMANHÃ

1-74/93 (Lichinga) O Presidente da República está disponível para um encontro com Afonso Dhlakama até amanhã, dia em que termina a sua visita ao Niassa.

Falando ao mediaFAX, sexta-feira, em Lichinga, Chissano disse que, até sexta-feira, o líder da Renamo ainda não tinha respondido à sua proposta de que o encontro decorresse na capital do Niassa.

Chissano classificou de "inverdades" os rumores de que o encontro se realizaria em Lichinga na sexta-feira. Chegou, também, a aventar-se a data de domingo. O chefe de estado atribuiu os rumores a "jornalistas mal informados".

"Quando o emissário sul africano me apresentou o pedido do sr Dhlakama para o encontro, escrevi uma carta para a Renamo indicando a minha disposição de o receber em Lichinga entre sexta-feira e a próxima terça", disse-nos Chissano. Acrescentou que, desde então, tem estado à espera de uma resposta, que a sua carta chegou às mãos do líder da Renamo na sexta-feira, e que ignora as razões do mutismo de Dhlakama.

Chissano disse não saber o que Dhlakama quer discutir com ele. "Eu apenas respondi positivamente ao pedido".

Apurámos em Lichinga que, desde sexta-feira, tudo estava pronto para uma eventual cimeira entre os dois. Algumas centenas de membros e simpatizantes da Renamo chegaram inclusivamente a ir ao aeroporto para receber o seu líder, cuja chegada se pensava acontecer depois da chegada do chefe de estado.

Em Chimoio, o mediaFAX ouviu Anselmo Victor da Renamo, o qual insistiu que o encontro Chissano/Dhlakama deveria realizar-se naquela cidade por ser a que melhor segurança oferecia ao seu Presidente.

Victor acusou a ONU, o governo e o Zimbabwe de terem

violado o acordo de Roma porque as tropas zimbabwneas deixaram o país apenas na semana passada em vez de o fazerem há seis meses, como estava previsto no acordo de paz. Negou também as acusações formuladas por Chissano no seu comício no Chimoio (mediaFAX 72/93).

Apurámos na capital de Manica, de fonte fidedigna, que o governo, há cerca de duas semanas, enviou 60 militares seus para serem treinados em Nyanga ao abrigo do acordo de paz (instrução por oficiais britânicos). Estes homens tiveram que regressar ao país porque a Renamo não enviou os seus 60 militares. Anselmo Victor disse-nos que o envio de homens da Renamo a Nyanga só será feito quando estiverem no país pelo menos 60% das tropas da ONU, condicionalismo que, variando nas percentagens, se mantém para o acantonamento e desmobilização dos efectivos.

Ele reiterou que a Renamo não dá início ao acantonamento sem a presença forte da ONU porque não tem garantias de que o governo observe o acordo de Roma. Ele disse "estranhar" o facto de a ONU ter concentrado as suas forças nos corredores da Beira e Limpopo em vez de se preocupar com o acantonamento. Estranhou também o facto de a ONU ter começado a apoiar a desmobilização das forças governamentais em vez de esperar pela desmobilização simultânea das duas forças.

Em Lichinga, Joaquim Chissano reuniu na sexta-feira durante cerca de 5 horas com o director da UNICEF para a África Austral e Oriental, Cole P. Dodge, o qual pediu ao chefe de estado que liderasse a promoção do plano nacional de acção para a criança, surgido na esteira da cimeira mundial para a criança (1990).

(Lourenço Jossias em Lichinga e Helder Maquequene em Chimoio)

a minha opinião

OS SINUOSOS CAMINHOS PARA A DEMOCRACIA (1ª Parte)

Por Carlos Jeque *

2-74/93 (Maputo) Quando em 1990 a Assembleia Popular moçambicana vê-se forçada a alterar a Constituição, para o cidadão mais optimista e desprevenido era o culminar da "boa vontade" demonstrada pelos parlamentares e governantes de mudar o sistema mono-

partidário para um sistema mais aberto, mais pluralista e respeitador dos direitos mais elementares do cidadão.

A revisão constitucional era o primeiro arranque e, efectivamente, estava dentro da lógica das coisas políticas. Impunha-se, pois,

**COMÉRCIO
 INVESTIMENTOS
 PARTICIPAÇÕES**

SEDE: Av. Samora Machel, 285 / 1º andar * Tlf: 430171/5 * Fax: 428484 * Tlx: 6-387 ENEXP MO
 C.P. 698 * Telegramas: ENACOMO * Maputo * DELEGAÇÕES: Beira * Quelimane * Nacala



dar o passo seguinte, quizá o mais difícil e embaraçoso: dialogar com os que, até então, eram considerados "bandidos armados". Os dirigentes governativos e partidários da Frelimo perguntavam, à laia de quem procura cúmplices: «Vamos dialogar com quem? Com aqueles que abrem o ventre das senhoras grávidas, com aqueles que pilam bebês?».

Como quem procura sempre encontra, acabaram encontrando a outra parte que iria dar corpo ao diálogo. Era, pois, a Renamo!

Como o tempo não contasse para ambas as partes, o diálogo foi penosamente longo para o povo moçambicano e para os mediadores.

Interessava às partes, cada uma movida por interesses próprios, ir-se paulatinamente mentalizando que a parte final seria a que menos desejavam: calar as armas.

Começaram a ensair frases estereotipadas como «nós somos todos moçambicanos», «somos irmãos», «a guerra não aproveita a ninguém», «todos estamos cansados da guerra», «todos somos pela democracia», (evidentemente cada um à sua maneira). Tentavam fazer esquecer os slogans com que se terminavam os discursos propagandísticos, tais como: «venceremos os bandidos armados» dum lado; do outro lado ouvia-se «o comunismo não vingará», «abaixo os marxistas-leninistas». Enfim, começaram a usar slogans que visavam lavar o rosto dos beligerantes perante o seu povo, em particular, e o mundo, em geral.

Há rotas fixas na História dos homens, as quais são obrigados a trilhar.

Acabaram, pois, rumando a Roma onde assinaram o (Des)Acordo de Paz.

Porquê desacordo e não acordo? Simplesmente porque às partes subscritas não interessava a paz. Queriam a continuação da guerra.

Pela parte da Frelimo, justificava-se porque enquanto houvesse guerra nunca poderia haver eleições. A guerra significava a manutenção do "status quo", significava a continuidade do saque dos bens do Estado, justificava os donativos quase sempre desviados dos destinatários, alguns dirigentes governativos e partidários doavam-se a si próprios. A guerra justificava o "avia-te Magaia antes que seja tarde porque não sabes o que é que te vai acontecer depois das eleições". Quem puder ter 30 chapas 100 tem a sua reforma garantida.

Este pensamento de alguns dirigentes partidários e do governo, acelera a degradação total do Estado e, conseqüentemente, a degradação da sociedade civil.

A Igreja, porém, e contra os designios do Estado, foi tentando moralizar a sociedade mas os resultados eram pouco visíveis.

A 'Onda Matinal', incomodativamente, por seu lado, ia dando a conhecer aos dirigentes nacionais a outra realidade do país: a sociedade sem ou com poucos valores morais de que resultava não só a vaga de criminalidade descontrolada como a nudez dum Estado com um governo inoperativo, em suma, um país desgovernado.

Pela parte da Renamo, havia interesse de tomar duma forma clara e inequívoca as grandes cidades, sinónimo de vencedor e libertador do povo do marxismo-leninismo. Era o lado encorajador da guerra.

A parte amarga é que acabado o litígio, seria imperioso mostrar os feitos da guerra, as zonas libertadas, as escolas e hospitais construídos na mata, os quadros partidários e militares, o programa do governo e os respectivos quadros; por último, o discurso político tinha que mudar para convencer e justificar "tudo o que foi feito" em prol do pluralismo político.

Por tudo isto e mais alguma coisa, era conveniente para os beligerantes a continuidade dos combates armados (contra o povo, porque na verdade os canos das armas sempre estiveram virados para o povo. Quero acreditar que poucos soldados governamentais e/ou guerrilheiros morreram em combate, comparativamente aos cidadãos incontáveis que, ou ao fugir dos ataques ou a dormir foram

mortos pelos detentores de armas de fogo).

Era, pois, um Desacordo de Paz!

A comunidade internacional e o povo moçambicano, esses sim, pugnavam pela paz, ansiavam pelo Acordo de Paz. Estavam (e estão) cansados da guerra.

Importa esclarecer a razão de ser desta reflexão. É que há similitude dos processos de paz angolano e moçambicano. Os caminhos que levaram a Bicesse, no caso angolano, foram mais ou menos longos e mais ou menos os mesmos passos dados. Até lá, os discursos do MPLA e da UNITA foram mais ou menos os mesmos que a Renamo e a Frelimo utilizaram até se sentarem frente a frente em Roma, a 4 de Outubro de 1992.

Volvido pouco tempo após os acordos de Bicesse, retomaram-se os discursos inflamados por causa da logística e das violações do acordo de cessar fogo. Savimbi dizia que «se não me dão isto ou aquilo, se não param de violar o acordo, voltarei para o meu santuário (Jamba)»; isto, por um lado; por outro, Eduardo dos Santos dizia que era um dirigente responsável, nunca violaria o acordo, etc, etc.

Após o (Des)Acordo de Roma, as violações ao que se tinha decidido em Roma pela parte da Frelimo e da Renamo (qual deles o primeiro) não tardaram a verificar-se: ora saís tu desta vila/localidade porque é minha ora saís tu porque cheguei primeiro.

Acabados de disputar as zonas onde havia pedras preciosas, começou a guerra das casas e depois das comidas (é a logística que está consagrada nos acordos de Roma e que a Frelimo não respeitava).

Quando o líder da Renamo quer dar mais força às suas pretensões diz que se não cumprirem com o determinado em Roma, volta para o mato (atente-se que ainda está no seu santuário). Ora diz que está cansado da guerra. Já não quer lutar com o irmão Chissano, etc.

Perguntáramos: onde está a seriedade das partes que subscreveram o Acordo de Roma?

Um governo que não garante minimamente de comer e casas para o seu povo, para quem manter-se à frente dos destinos do país? Um governo que promete e não cumpre não é sério, não deve merecer confiança do cidadão; todavia, não deve ser desrespeitado porque é um governo legítimo; porém, não merece ser reconduzido à frente dos destinos do povo.

Um movimento libertador que se quer transformar num partido para governar mas está à espera que o governo lhe dê de comer para ter forças para derrubar esse mesmo governo não é mostrar à partida a sua fraqueza? Como é que adquiriam armamento para combater o poder constituído? Lutaram só baseados em armamento capturado? É pouco crível.

Estes são os caminhos (sinuosos) pelos quais os moçambicanos passam para a democracia, para o pluralismo de ideias, caminhos esses que revelam a fragilidade do processo moçambicano.

O país é considerado um dos mais pobres do mundo, infectado por doenças, onde grassa a fome, a nudez (sobretudo nas zonas rurais), o analfabetismo, falta de quadros para assegurar com firmeza as instituições, enfim, um infidável de insuficiências.

Porém, apesar de se ter a consciência destes grandes males, continuam a acusar-se mutuamente disto e/ou daquilo.

As Nações Unidas são publicamente acusadas de burocratas (em Roma não foi prevista a burocracia da ONU, na altura da subscrição do Acordo?!), de lentidão; todavia, quando se diz que os militares devem acantonar aqui ou acolá, a Frelimo ou a Renamo dizem: aqui não, quero acolá ou ali, porque militarmente é um sítio estratégico.

Perguntamo-nos ingenuamente: se a guerra acabou, porque é que querem acantonar os militares em lugares estratégicos? Isso só é revelador de que o espírito de guerra subsiste nas duas partes. São os Desacordos de Paz.

* vice-Presidente da FUMO

ESPAÇO PUBLICITÁRIO ESPAÇO PUBLICITÁRIO ESPAÇO PUBLICITÁRIO
 ESPAÇO PUBLICITÁRIO ESPAÇO PUBLICITÁRIO ESPAÇO PUBLICITÁRIO